



A RELAÇÃO COM O SABER: AÇÕES DE DOCENTES E GESTORES PARA UMA APRENDIZAGEM EFETIVA¹

THE RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE AND ACTIONS FOR EFFECTIVE LEARNING

Mariette Mari Fanton Silva²

Resumo: O tema deste artigo é A relação com o saber: ações de docentes e gestores para uma aprendizagem efetiva, uma reflexão da sociedade atual, considerando a globalização e as mudanças que ocorreram na década de 1990. O objetivo deste artigo é demonstrar como as ações do cotidiano dos docentes e gestores, associado aos conceitos de Campo e Habitus de Bourdieu (1989), existentes nas instituições escolares e observado na reprodução das relações sociais resultariam como fator positivo ou negativo, para que ocorra uma aprendizagem efetiva. O problema proposto é: Quais ações, no cotidiano escolar, favorecem os vínculos de aprendizagem efetiva? A metodologia utilizada pauta-se na pesquisa qualitativa, da análise de dados coletados com seis entrevistados, sendo um ex-gestor educacional da rede municipal, três docentes atuantes no Ensino Fundamental do Estado de São Paulo, da rede pública, um docente, atuante no Ensino Fundamental do Estado de São Paulo, da rede privada e um gestor ambiental do setor privado. Autores como Charlot (2000), Bourdieu (1989), Foucault (2003) nortearão esta reflexão teórica. Como resultado, obtive uma reflexão sobre a relação com o saber e ações de docentes e gestores, destacando a importância da consciência da singularidade do ser humano e seus saberes.

Palavras-chaves: Relação com o saber; Nova Gestão Pública; Aprendizagem

ABSTRACT: The main thesis of this article is The relation with knowledge: actions of teachers and managers for effective learning, it presents a reflection on the current society view, considering globalization and the changes that occurred in 1990's decade. The objective of this article is to demonstrate how the actions of the teachers and managers daily lives associated to Bourdieu (1989) Campos and Habitus concepts, existing in school institutions and observed in the reproduction of social relations result as a positive or negative factor, so that a favorable environment and effective learning takes place. The proposed problem is: What actions, in everyday school life, favor the effective learning links? The methodology used will be qualitative research, analysis of data collected with six interviewees, being a former educational manager of the municipal system, an environmental manager of the private sector and with acting teaching staff of the Sao Paulo State Elementary School, from private and public systems. The authors Charlot (2013), Bourdieu (1989), Foucault (2003) will guide this theoretical reflection. As a result, got a reflection on the relationship with the knowledge and actions of teachers and managers, highlighting the importance of awareness of the uniqueness of the human being and their knowledge.

Keywords: Relation with knowledge; new public management; learning

INTRODUÇÃO

¹ Este texto refere-se ao resultado de pesquisa realizado no âmbito do Curso de Especialização “Escola Pública: Relações com o saber que afetam projetos de vida e de trabalho”.

² Professor (a) do ensino fundamental I, da Rede Municipal de Hortolândia. Formada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. E-mail: mariettefanton@hotmail.com



Neste artigo serão contextualizados alguns questionamentos sobre ações do cotidiano docente e dos gestores, associados aos conceitos de Campo e Habitus de Bourdieu (1989), existentes nas instituições escolares, observando se a reprodução das relações sociais é um fator positivo ou negativo, para que ocorra um ambiente favorável e uma aprendizagem efetiva. As obras dos autores Charlot (2000), Bourdieu (1989), Foucault (2003) compõem o embasamento teórico desta pesquisa. Destaca-se uma reflexão sobre as mudanças que ocorreram a partir da década de 1990 que afetaram vários setores da sociedade, como os movimentos econômicos, a globalização, as ideias democráticas neoliberais, que criaram-se formas de administrar os setores públicos, em especial a gestão escolar por meio da Nova Gestão Pública (NGP), que tem como base a ideia de aplicar mecanismos privados ao serviço público, tendo como princípios básicos: a eficiência (fazer mais com poucos recursos), a eficácia (alcance das metas propostas), a meritocracia (premiação dos profissionais da escola por atingir metas), a avaliação externa e os indicadores educacionais que avaliam a qualidade, a produtividade e a competência das instituições de ensino, impondo um valor estatístico à qualidade de ensino (escala gerando competição).

O tema em discussão é: A relação com o saber e ações de docentes e gestores para uma aprendizagem efetiva, se destaca como uma importante reflexão por abordar a interação entre professores, gestores e alunos e o impacto das relações com o saber na trajetória escolar dos estudantes. O problema em estudo é: Quais ações dos docentes e gestores, no cotidiano escolar, favorecem os vínculos de aprendizagem? Uma reflexão sobre como a interação entre professores, gestores e alunos podem contribuir para uma aprendizagem efetiva.

Trata-se de uma percepção de como na sociedade atual, a aprendizagem pode ser efetiva por meio da perspectiva das relações com o saber e de como ações determinantes, como por exemplo, o diálogo, a afetividade e o envolvimento de todos da equipe escolar de forma democrática, contribuem para concretização da aprendizagem. Discorrendo sobre os conceitos de Campo e de Habitus reflito sobre como se reproduzem as relações sociais existentes nas instituições escolares e os seus possíveis efeitos.

Para a análise de dados, busquei junto aos entrevistados resposta a um único questionamento: **Quais ações no cotidiano escolar favorecem para que a escola seja um ambiente agradável e respeitoso?** Esta mesma questão foi respondida por todos os entrevistados, sendo uma análise discursiva dos fragmentos de dados coletados na resposta de uma ex-diretora de escola da rede pública municipal de Duartina/SP, além de informações obtidas entre professores da rede municipal e privada, de ensino, das cidades de Dois Córregos/SP, Duartina/SP, Piratininga/SP e Sumaré/SP, e também a perspectiva de um ex-professor universitário da rede privada, atual gestor ambiental, no setor privado, eco urbanista e ativista do movimento ambientalista de Campinas, busquei desenvolver uma análise sobre as relações com o saber e ações que contribuem para um ambiente escolar favorável e para uma aprendizagem efetiva.

Para a escrita deste artigo, proponho três tópicos: 1. Relações com o saber e ações que contribuem para uma aprendizagem efetiva, no qual faço uma análise sobre os fatores



que afetam a escola nos dias de hoje associados à questão da globalização e a perspectiva da democracia neoliberal que norteiam as políticas públicas, em especial a Nova Gestão Pública. 2. As perspectivas para a formação de um ambiente escolar favorável para uma aprendizagem efetiva, em que observo como a reprodução das relações sociais presente na escola influenciam aprendizagens significativas dos estudantes. E no tópico 3. Análise dos dados, no qual utilizo a metodologia qualitativa para refletir sobre as nuances dos discursos de seis entrevistados, sendo pela ótica de um ex-gestor escolar municipal do Ensino Fundamental, quatro docentes do Ensino Fundamental de quatro escolas, de cidades diferentes, sendo três pertencentes a rede pública e uma a rede privada e um gestor ambiental do setor privado, sobre os meios de aprendizagens.

A importância deste artigo se justifica pelo desenvolvimento da compreensão de uma análise sobre as relações com o saber e ações que contribuem para um ambiente escolar favorável e para uma aprendizagem efetiva. Espero contribuir com a reflexão sobre como as formas de interação entre docentes e discentes podem influenciar as relações de saberes no contexto escolar.

RELAÇÕES COM O SABER E AÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA UMA APRENDIZAGEM EFETIVA

A relação com o saber no ambiente escolar, de acordo com a teoria de Charlot (2000) está diretamente ligada ao aprender, que configura o ser humano em sua capacidade de aprendizagem. O aprender é próprio do humano e o saber engloba o aprender. O saber, não é algo pronto, antes é uma relação que ocorre com o mundo exterior e com o mundo interior do sujeito, de forma simultânea, através dos sentidos, das experiências de vida e da interação com o outro. As formas de pensamento, a linguagem, a subjetividade constituída, a vivência das relações, nos diferentes papéis sociais e os conflitos internos, desenvolvidos nos processos de construção e desconstrução vivenciados pelo sujeito enquanto este estabelece uma simbiose entre aquilo que o cerca e o que se almeja, compõem, as relações de saber que constituem o sujeito.

A produção do saber, segundo Charlot (2000) está inserida dentro de um contexto maior da compreensão humana sobre o mundo que o rodeia. Ou seja, o sujeito, situado em um contexto, está dentro de uma dimensão da vida, que é preciso aprender, constituindo assim, um processo de atribuição de sentidos, de forma consciente e subconsciente. Esta relação com o mundo exterior, diversa da mera aquisição de informações, produz a percepção de que o conhecimento é uma forma de aprendizagem.

De acordo com Charlot (2000) o ser humano tem a necessidade de aprender, aprendizagem em que se é preciso aprender a ser sujeito. O sujeito estabelece relações e sentidos ao que se vive, em cada momento. E quando o sujeito percebe isso, de que há um processo de produção do saber, a partir do conhecimento, que o levará as formas de aprendizagem, ele começa a ter o desejo de saber.

Nas relações com o saber, num contexto histórico, familiar e escolar, significa que o tempo todo o sujeito realiza uma leitura do que está ao seu redor, bem como de si mesmo,



interagindo consigo mesmo e com o mundo. Pelo exposto no excerto abaixo, podemos considerar que, neste momento, o sujeito percebe o processo de produção do saber:

Por isso mesmo, nascer significa ver-se submetido a obrigação de aprender. Aprender para construir-se em um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização, (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção de um mundo pré-existente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda parte. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo e quem são os outros (CHARLOT, 2000, p. 53).

Na citação a seguir vemos que sem o desejo do saber não seria possível ter relação com o saber, por isso a importância do professor conhecer o aluno como um todo e trabalhar a partir dos saberes desse aluno, instigando-o, provocando-o a ter curiosidades e assim motivando-o à questionamentos quanto ao sentido das coisas:

O conceito de relação com o saber implica o de desejo: não há relação com o saber senão a de um sujeito; e só há sujeito “desejante”. Cuidado, porém: este desejo é desejo do outro, desejo do mundo, desejo de si próprio; e o desejo de saber (ou de aprender) não é senão uma de suas formas, advém quando o sujeito experimentou o *prazer* de aprender e saber. É errado, pois, investigar a forma, como uma “pulsão” encontra um “objeto” particular chamado “saber” e torna-se assim desejo de “saber”. O objeto de desejo está sempre, já, presente: é o outro, o mundo, eu próprio. A relação é que se particulariza, não o objeto da relação que se torna particular: o desejo do mundo, do outro e de si mesmo é que se torna desejo de aprender e saber; e, não, o desejo que encontra um objeto novo, o “saber” (CHARLOT, 2000, p. 80).

Diante deste contexto, do sujeito que se relaciona com o mundo exterior, para produzir sentidos e o conhecimento, faz-se necessário refletir sobre as mudanças dos aspectos políticos e econômicos e suas influências que afetaram todo desenvolvimento educacional, em especial a escola pública no contexto brasileiro.

A década de 1990 foi marcada por um processo de intensificação da integração econômica e política a nível internacional, que permitiu avanços nos sistemas de transporte, comunicação e educação, reconhecido como globalização, das quais o Brasil também incorporou a transversalização de diversas mudanças na reestruturação do Estado como resultado do crescimento dos movimentos econômicos e ideais democráticos neoliberais. Esta reestruturação caracterizou-se pela aplicação de mecanismos de gestão corporativa, próprios da iniciativa privada no serviço público, período em que também se iniciou o processo de democratização da escola pública, tendo como princípios básicos a autonomia e a participação da sociedade.



Esta reestruturação baseou-se na reforma realizada na Grã-Bretanha, o *Managerialism*, definido como um conjunto de ideias e crenças que tem como valores máximos a própria gerência, o objetivo de aumento constante da produtividade, a orientação ao consumidor, delegação de autoridade e descentralização das atividades (BRESSER PEREIRA, 1999).

Diante deste contexto, segundo os autores Oliveira, Duarte e Clementino (2017), criou-se outra forma de administrar o setor público, em especial a gestão escolar, contribuindo assim, para as mudanças na finalidade da escola pública com a Nova Gestão Pública (NGP):

Na base dessas mudanças, encontra-se o Novo Gerencialismo como tendência hegemônica influenciando concepções e práticas organizacionais dos serviços públicos, incorporando, nesse setor, a lógica concorrencial, em que o 'empreendedorismo' é tomado como a força propulsora das mudanças. Tendo como paradigma o mercado, estimula-se a realização de parcerias entre agências públicas e privadas e se introduzem inovações gerenciais, como, por exemplo, programas de qualidade total (OLIVEIRA, DUARTE, CLEMENTINO, 2017, p. 710).

A Nova Gestão Pública teve como base a ideia de aplicar mecanismos de mercado ao serviço público, no qual os resultados das metas seria mais importante que a própria aprendizagem, tendo como princípios básicos, a eficiência (fazer mais com poucos recursos), a eficácia (alcance das metas propostas), a meritocracia (premiação dos profissionais da escola por atingir metas), a avaliação externa e os indicadores educacionais que avaliam a qualidade, a produtividade e a competência das instituições de ensino, impondo um valor estatístico à qualidade de ensino (escala que gera a competição), conforme afirmam os autores a seguir:

Uma percepção paradoxal de autonomia pode ser observada na fala dos (as) diretores (as) no que diz respeito ao controle sobre seu trabalho e ação política. Ao mesmo tempo que afirmam ter certo grau de autonomia para tomar decisões, admitem receber dos órgãos competentes orientações determinadas, que limitam seu campo de ação; um paradoxo que parece ter a ver com sua prática e o local que ocupam no sistema de relações que passa pela comunidade local e o poder público. Em outros casos, colocam-na como empecilho na tomada de decisões importantes que refletem na qualidade do ensino (OLIVEIRA, DUARTE, CLEMENTINO, 2017, p. 718).

Tem-se aqui, um grande desafio na educação que é o de garantir a autonomia e a participação social. Nesta nova forma de gestão, que muitas vezes induz os gestores e educadores a serem meros reprodutores das políticas públicas educacionais, não tendo autonomia para reformular uma situação específica de sua escola, seu bairro, sua comunidade, cumprindo apenas as orientações vindas da secretaria da educação, não considerando a especificidade de cada escola.



A partir dos estudos realizados por Oliveira, Duarte, Clementino (2017) sabe-se que “gerir” uma escola que garanta a aprendizagem efetiva e não apenas os percentuais que são mostrados nos índices avaliativos vai muito além, pressupõe que uma gestão participativa, o diálogo, afetividade e envolvimento de todos da equipe escolar, para que aconteça uma gestão democrática, situação que muitas vezes não ocorre, visto que os gestores possuem autonomia administrativa, para gerenciar a escola, mas não possui autonomia política para torná-la democrática de fato:

Nesse contexto, a NGP vai sendo assimilada pelos gestores da educação pública, do ministério às escolas, perseguindo um Estado supostamente eficiente e dinâmico que busca mais resultados com menos emprego de recursos. Os princípios de eficiência importados da iniciativa privada vão sendo naturalizados como valores universais e já não se pergunta quais são as finalidades do público. No contexto escolar, essas orientações vão sendo assumidas como estratégias objetivas e pragmáticas que se apresentam não como forma de responder aos problemas, mas como a única resposta possível (OLIVEIRA, DUARTE, CLEMENTINO, 2017, p. 725).

Identifica-se que a forma como os gestores conduzem os assuntos escolares influencia diretamente na eficácia do ensino e aprendizagem. De acordo a NGP, os gestores apresentam um trabalho voltado para articulação e mediação dos conflitos escolares, mas também se apresentam como personificação do Estado, seguindo suas orientações, normas e alcance de metas, implícitas de acordo com a vertente política de quem está no poder do estado em cada momento.

Ter conhecimento dos avanços e dificuldades de cada escola, dos alunos, do cotidiano da sala de aula, dos docentes e coordenadores, considerando os saberes de cada sujeito, promovendo estratégias de forma coletiva e promovendo ações para que todos os envolvidos no processo educacional participem da concretização dos objetivos dessas estratégias, permitindo trocas de experiências, através da socialização, demonstra a diferença e o desafio que se faz necessário para que a aprendizagem seja efetiva.

No próximo tópico faço uma análise de como a reprodução das relações sociais presente na escola influenciam aprendizagens significativas dos estudantes.

PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO DE UM AMBIENTE ESCOLAR FAVORÁVEL PARA UMA APRENDIZAGEM EFETIVA

No século passado, na década de 1960 o sociólogo francês Pierre Bourdieu realizou estudos para compreender quais eram os mecanismos sociais que atuavam na manutenção da ordem social da sua época e buscou entender os fundamentos para os programas governamentais da França, visando a diminuição das desigualdades sociais. A escola era considerada um dos mecanismos (dispositivos) para a redução destas desigualdades sociais, contudo em seus estudos, Bourdieu verificou que a realidade se



mostrava diferente, visto que a escola apresentava uma tendência em manter a reprodução das relações sociais. Ele observou dois conceitos, importantes, o de Campo e Habitus, considerados eixos teóricos da sua teoria.

O conceito de Campo, segundo Bourdieu (1989) trata-se de um espaço de relações objetivas, sendo um lugar social, em que diferentes forças simbólicas procuram comandar, disputando e apresentando diferentes capitais, que é o que faz um agente ter o controle sobre o outro. Bourdieu identificou vários tipos de capitais, como o capital simbólico, que ocorre baseado em pressupostos já estabelecidos, criados socialmente; o capital econômico e o capital cultural, que indicam a posição culturalmente de um agente, como por exemplo, a forma como a pessoa se veste, o veículo que possui, o bairro em que mora, um título adquirido e uma posição social na sociedade.

Por meio do Capital Simbólico que o agente possui, este irá reproduzir um tipo de poder no Campo, gerando uma competição. Aqueles que ocupam um lugar mais estratégico ou desenvolvem uma relação de influência no Campo, são os que tendem a dominá-lo.

Um exemplo de Campo é a educação, a qual tem como subcampo a escola. Neste Campo ocorre o poder simbólico, com as forças disputando o comando, havendo diferentes capitais agindo na disputa, observa-se assim, a relação de hierarquia entre os agentes, no qual as forças simbólicas organizam as percepções das pessoas e transformam essas percepções em saberes e estes saberes organizam a posição das pessoas dentro do Campo.

O funcionamento do Campo se estabelece pela disputa, através do poder simbólico, que muitas vezes está baseado em princípios e pressupostos ou forças simbólicas já preestabelecidas, constituído por uma relação de hierarquia e criando condutas naquele Campo, e a essas condutas, Bourdieu (1996) conceituou de Habitus.

O Habitus ocorre através da interação social, que está recheada de forças simbólicas que controlam e organizam as condutas no agir, pensar e sentir em cada situação. Tais condutas são adquiridas pela interiorização das estruturas sociais, de acordo com a hierarquia de determinado Campo. O conceito Habitus é um conjunto de comportamentos naturalizados, desde o nascimento à socialização com o outro, de forma subjetiva, sem uma intenção. Ou seja, apropria-se de gostos e costumes, de acordo com as vivências e socializações:

O social é constituído por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, não reproduzida e irreduzível à lógica que rege outros campos. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 50).

A escola é um espaço onde ocorre a interação de relações, desta maneira, é possível perceber os conceitos de Campo e Habitus no cotidiano deste ambiente, por isso a



importância de ser um espaço democrático, de socialização, participação, troca de experiências e senso de coletividade, visando a inclusão que possibilita ao aluno conhecer a maneira de ser daquele Campo e perceber-se incluído no processo de ensino e aprendizagem, empoderando-se e tendo consciência de pertencimento na escola, desta forma rompendo com a tendência de transformar a escola como um espaço de mera reprodução social.

Charlot (2000) defende, que as dimensões constitutivas do saber, confronta o sujeito à "obrigação de aprender", em seu processo de tornar-se homem social e singular, demonstra que a relação com o saber se dá a partir de uma mobilização do indivíduo para o saber e esta mobilização é uma ação, um movimento de dentro para fora, uma vontade, um desejo, um impulso que se contrapõe à motivação, no qual se pretende promover este movimento, de fora para dentro.

A escola é que impulsiona o desejo e o interesse em aprender, sendo um lugar onde encontra-se a interação do eu com o outro, mas também que efetiva formas de normalização dos sujeitos. Dentro da escola cria-se uma forma de organização daquilo que se diz, a partir de um conjunto de regras que apoiam o que é da ordem do verdadeiro, ou seja um regime de verdades, uma política cheia de dispositivos de controle disciplinar, pois existe um modelo de conduta para ser seguido, porque parte do pressuposto de que haverá sempre sujeitos indisciplinados na escola (FOUCAULT, 2003).

O sujeito é marcado pelo desejo e pela participação de esquemas mentais e sociais. Às vezes, por meio da convivência podem ocorrer conflitos, pelo fato existir diferentes desejos entre os indivíduos e por muitas vezes optar-se por coisas opostas em relação ao outro, criando uma relação tensa e conflituosa, que no confronto das relações humanas, são relações de poder, marcadas pelo desejo, surgindo a indisciplina como um fator determinante e momento oportuno para a ação da escola, para o entendimento, para o esclarecimento e apropriação do saber, permitindo assim, que ocorra a aprendizagem.

Para Foucault (2003) a indisciplina insurgiu da escola como um dispositivo, uma estratégia para criar a regra e se ter o controle e a partir daí justificar a disciplina como o modelo a ser seguido. A indisciplina escolar é produzida pela escola e ela não deveria ser vista como um problema, mas sim como uma manifestação/sinalização de que algo precisaria ser repensado. A indisciplina revela que o aluno resiste a tudo aquilo que não faz sentido.

Na perspectiva de Foucault (2003), produz-se sentido em como o sujeito se expressa, fala e age. No cumprimento de uma regra e se há a indisciplina, significa que para o aluno não está fazendo sentido. Se não há sentido, não há saber e conseqüentemente não há conhecimento, cria-se assim a Resistência. Nesta resistência é que podemos identificar as fragilidades que interferem no aprender, seja a infraestrutura da escola, a metodologia pedagógica, a interferência da política de gestão pública, além de todo capital simbólico, de formação de cada indivíduo discente ou docente, entre tantas outras fragilidades que se vivenciam no cotidiano da educação formal.

A resistência é própria do ser humano e segundo Foucault (2003) não há poder ou relação de poder se não houver resistência, se ela acabar, o poder desaparece. A



indisciplina é o motivo da escola existir, porque ela é baseada na resistência, contra tudo o que não faz sentido. É preciso que haja a indisciplina para a escola não extinguir e assim a profissão do professor fazer sentido.

Para Foucault (2003) a escola é uma instituição que molda condutas, disciplina comportamentos. Ele explica sobre a transição da sociedade disciplinar e a de controle, sendo que na sociedade disciplinar, a aprendizagem da conduta parte do externo, ou seja, é recebida de fora para dentro do sujeito, enquanto na sociedade de controle ela é internalizada, ou seja, ela parte de dentro. Nesse contexto de autocontrole identifica-se a estratégia de poder da instituição. Uma instituição que deixa de ser punitiva, para produzir o corpo dócil, o que é domesticado, que é aquele corpo capaz de se autocontrolar e de produzir o esperado, de se comportar da maneira esperada, sendo que a maior característica dessa produção é a disciplina, que serve para garantir que o sujeito se submeta a norma. E o processo de produção da norma, o processo normalizador, de institucionalização do sujeito na escola, de docilização de corpos e mentes está ligada a disciplinarização do sujeito e das relações do poder na educação:

A escola, por exemplo, funciona como um pequeno tribunal, com leis e infrações próprias para organizar as diferenças entre os indivíduos, atribuindo pequenas penalidades, bem como prêmios por merecimento. A sanção é normalizadora porque impõe a regra a todos os que dela se afastam, impõe “toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência)” (FOUCAULT, 2003, p. 149).

A subjetivação na perspectiva de Foucault (2003), ou seja, o modo de constituir o sujeito é um processo que se estabelece a partir da articulação que acontece entre as relações de poder e o sujeito. O sujeito é produzido e ele se modifica, sendo influenciado no contexto das relações de poder:

Ele explica: nas sociedades capitalistas, o poder é negativo e repressivo, porém possui uma eficácia produtiva; possui a positividade da gestão da vida dos indivíduos e das populações, para a qual produz uma série de estratégias, técnicas e saberes específicos. Sua positividade consiste, do ponto de vista do conhecimento, na produção de saberes que geram poderes, e de estratégias de poder que geram saberes para assegurar seu exercício; do ponto de vista da ação, consiste na produção de indivíduos e populações politicamente dóceis, economicamente úteis, saudáveis e normais, através de uma série de mecanismos como os da disciplina e da normalização (PORTOCARRERO, 2004, p. 171).

A norma tem características que vão traduzir, ou seja explicar o que é o normal. A norma é um instrumento regular que contem dispositivos que vão justificar o normal e o anormal, em consequência é justamente o resultado deste parâmetro que foi formado e construído na história:



Em *Vigiar e punir* e em *A vontade de saber*, Foucault aponta não só o modo peculiar de funcionamento das normas modernas, impondo uma rede uniforme de normalidade, como também o mal-estar que esta causa. Dentre as técnicas, as práticas, os saberes e discursos por ele analisados, a normalização constitui um alvo bastante importante, pois todas as sociedades têm normas de acordo com as quais socializam os indivíduos. O problema apontado por Foucault é que, em nossa sociedade, as normas são especificamente perigosas, já que funcionam, de modo muito sutil, como estratégias sem estrategista (PORTOCARRERO, 2004, p.176).

Ao contextualizar o pensamento de Charlot (2000), Bourdieu (1989) e Foucault (2003), fica evidente aspectos importantes e indissociáveis de seus conceitos como conteúdo intelectual e prático que poderão estar sempre instigando nosso constante desafio em produzir o “ambiente ideal” para se propor o aprender e a difusão do saber, que mesmo sob o controle de normas impositivas da estrutura institucional, devem estar norteadas pela produção de saberes significativos, fomentando a formação de agentes críticos, empoderados e conscientes do pertencimento social.

Na seção seguinte, através da coleta de dados, reflito sobre as nuances dos discursos dos entrevistados.

ANÁLISE DE DADOS

Para a análise, busquei investigar, junto aos entrevistados, dados por meio de um único questionamento: quais ações no cotidiano escolar favorecem para que a escola seja um ambiente agradável e respeitoso? Esta questão surgiu através de uma auto narrativa, em uma atividade do Projeto de Intervenção (P.I.), no âmbito do Curso de Especialização Lato-Sensu: “Escola Pública: Relações com o saber que afetam projetos de vida e de trabalho”, oferecido pelo Depto. De Educação da UFSCar em parceria com a Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia do Município de Hortolândia, SP., do ano de 2020, durante a pandemia do covid-19

As entrevistas foram feitas de forma presencial e através do aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas pelo *WhatsApp*, com pessoas de algumas localidades e tipos de instituições (público/privado), no qual foi realizado o questionamento norteador da entrevista, resultando como conteúdo, informações que instigaram e conduziram ao questionamento deste artigo: **Quais ações, no cotidiano escolar, favorecem os vínculos de aprendizagem efetiva?**

A metodologia utilizada foi o método qualitativo, que se justifica por ser uma abordagem de cunho teórico, que não tem por preocupação primordial a quantidade de dados, mas se destaca pela importância dada à análise do discurso:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa



opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

O questionamento teve o objetivo de obter uma percepção mais complexa e profunda sobre o entendimento na perspectiva de cada indivíduo sobre o tema proposto, visto que a abordagem através da pesquisa qualitativa tem um efeito mais abrangente, contudo eficiente, quando se busca elucidar aspectos discursivos dos sujeitos da pesquisa.

Sendo uma análise discursiva dos fragmentos de dados coletados na resposta de uma ex-diretora de escola da rede pública municipal de Duartina/SP, além de informações obtidas entre professores da rede municipal e privada, de ensino, das cidades de Dois Córregos/SP, Duartina/SP, Piratininga/SP e Sumaré/SP, e também a perspectiva de um ex-professor universitário da rede privada, atual gestor ambiental, no setor privado, eco urbanista e ativista do movimento ambientalista de Campinas, busquei desenvolver uma análise sobre as relações com o saber e ações que contribuem para um ambiente escolar favorável e para uma aprendizagem efetiva³.

Ao organizar e analisar os dados coletados verifiquei que o tipo de instituição (pública ou privada), que os entrevistados participaram, tem semelhanças fortes na forma de pensamento, em relação ao que acreditam ser ações ideais, para que se tenha um ambiente favorável à aprendizagem, como por exemplo a questão da afetividade e as formas de uma gestão democrática e participativa.

Para a análise de dados, busquei junto aos entrevistados resposta a um único questionamento: **Quais ações no cotidiano escolar favorecem para que a escola seja um ambiente agradável e respeitoso?** Esta mesma questão foi respondida por todos os entrevistados, os quais serão respectivamente apresentadas a seguir, começando com a análise da resposta obtida por um ex-gestor escolar:

Resposta do entrevistado 1: (Ex-gestor de Escola da Rede Municipal de Duartina)

Ações que favoreçam o diálogo e o respeito, que permitam a colaboração mútua, em que todos os envolvidos sejam ouvidos. Uma forma de fortalecer o relacionamento é promover reuniões periódicas, tanto de pais quanto de formação continuada e planejamento pedagógico. Ações que proporcionem maior interação entre todos, o que é essencial para transmitir confiança e estabelecer vínculos. Realizar diagnóstico para saber quais são os interesses, desejos e necessidades dos estudantes e utilizar os resultados como base para o planejamento das práticas pedagógicas da escola. Disponibilizar referências para que as escolas e os professores sejam capazes de conceber novas práticas pedagógicas e materiais didáticos; criar a cultura de troca de experiências entre professores e escolas da rede.

³ Aprendizagem efetiva, ou seja, a aprendizagem medida de acordo ao nível dos objetivos atingidos em determinado programa, considerando o saber de cada aluno.



Percebe-se de forma muito clara, que como ex-gestor escolar, o entrevistado traz uma resposta que traduz a estruturação da Nova Gestão Pública, baseada num plano metodológico de uso das ferramentas de controle para busca da eficiência e eficácia⁴, através de parâmetros de medições dos resultados no processo educacional, obtidos pela troca de experiências e no desenvolvimento das ações de planejamento e diagnóstico realizada pelos docentes.

Contudo o entrevistado também resgata vários aspectos fundamentais de conceitos dos autores citados neste artigo. Identifica-se conceitos de Charlot (2000) quando ele destaca: “ações que favoreçam o diálogo e respeito(...) Ações que proporcionem maior interação entre todos, o que é essencial para transmitir confiança e estabelecer vínculos”. Pode ser justificado no que se refere ao processo de relação com o saber, comparado as reuniões que possibilitam a troca de experiências e considerando que este processo ocorre com os discentes e também com gestores, docentes e todos os envolvidos na educação, visto que todos estão submetidos a obrigação de aprender e que para alcançar o objetivo de uma aprendizagem eficaz, faz-se necessário ao docente ter o desejo de saber, para encontrar formas de conseguir alcançar a atenção do discente, estimulando o seu desejo do saber, para que este mesmo processo de relação com o saber aconteça com o aluno, inserindo-se em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, “onde se diz quem eu sou, quem é o mundo e quem são os outros” (CHARLOT, 2000, p.53).

Com a noção de Campo e Habitus, conceitos de Bourdieu (1989), destaca-se nesta mesma resposta, o planejamento, práticas pedagógicas e seus conteúdos, além do diagnóstico que caracterizam o Campo, são estes elementos de estruturação da escola, instrumentalizando o exercício pleno da troca de saberes e desenvolvimento dos docentes para maior eficiência⁵ do processo educacional. Com o Habitus fica evidenciado na indicação dos costumes e regras sociais que regem as relações interpessoais no cotidiano escolar, considerando os capitais simbólicos de cada agente.

De maneira muito subjetiva percebe-se ainda, conceitos de Foucault (2003) quando a ideia inconsciente de romper com o controle imposto pelo paradigma da Nova Gestão Pública, no que diz respeito às imposições “político ideológicas”, se evidenciam em propostas que atuam para dar Sentido para o Saber, a resistência em não se furtar de prover soluções para as fragilidades que possam interferir no Aprender, seja na estrutura escolar ou pelas estratégias metodológicas da Pedagogia. Consideramos ainda que o capital simbólico que representa a própria escola como instituição disciplinadora e modeladora de condutas, normalizaria a institucionalização do sujeito na escola, a

⁴ O Decreto n.º 5.233 de 06 de outubro de 2004 contém, em seu anexo, a definição dos conceitos Eficácia e Eficiência. Assim, a Eficácia é definida como: a medida do grau de atingimento das metas fixadas para um determinado projeto, atividade ou programa em relação ao previsto. Por sua vez, a Eficiência aparece como: a medida da relação entre os recursos efetivamente utilizados para a realização de uma meta para um projeto, atividade ou programa frente a padrões estabelecidos. (BRASIL, 2004)

⁵ Em relação aos recursos utilizados na realização das metas, no processo educacional, de acordo com o estabelecido.



docilização de seu corpo e mente, formalizando a disciplinarização, tanto das relações do poder na educação, como a do sujeito.

Nesta resposta o entrevistado verticaliza sua posição com aspectos importantes e indissociáveis dos conceitos contextualizados no pensamento de Charlot (2000), Bourdieu (1989) e Foucault (2003) para produzir-se o “ambiente ideal” da difusão do saber, mesmo sob a ótica de normas impositivas.

A mesma questão também foi respondida por um grupo de docentes, os quais seguem a sequência desta na análise de dados:

Resposta do entrevistado 2: (Professora da Rede Municipal de Duartina/SP)
Acredito que primeiramente é necessário que a equipe escolar esteja envolvida e que todos tenham os mesmos objetivos, ou seja, democracia. Mas pensando em sala de aula, na relação professor-aluno, em meus poucos anos de experiência, a afetividade é importante, por meio dela a aprendizagem ocorre de forma respeitosa.

Analisando a resposta do entrevistado 2 observa-se, também, o pensamento na importância de uma escola democrática, com os ideais de eficiência e eficácia para o alcance de um único objetivo, a democracia, perpassando pela importância do maior objetivo escolar, que é a aprendizagem, pensamento este, comum a Nova Gestão Pública, no qual princípios básicos de autonomia e participação social tem grande relevância, ficando evidenciado no trecho inicial “acredito que primeiramente é necessário que a equipe escolar esteja envolvida e que todos tenham os mesmos objetivos, ou seja, democracia”.

Do ponto de vista do conceito de relação com o saber que implica o de desejo, trazido por de Charlot (2000), percebe-se na essência do pensamento da docente, no trecho de sua resposta “pensando em sala de aula, na relação professor-aluno, em meus poucos anos de experiência, a afetividade é importante, por meio dela a aprendizagem ocorre de forma respeitosa”, a consciência de que se faz necessária uma atitude de interação do professor e da escola, para despertar o desejo de aprender e saber, identificando-se como Desejo do outro. Isto é, o aluno desperta para o saber através da capacidade do professor em afetivamente motivar, interagir e refletir o prazer em saber, compartilhando o conhecimento, de forma comprometida, com cada indivíduo, inerente aos demais alunos da sala.

Há nítida influência do Campo e Habitus no discente, conceituados por Bourdieu (1989), considerando Campo, a escola e Habitus o conjunto de capitais sociais internalizados, pelo indivíduo e que molda os sentimentos, as percepções e as ações dele, denota a interação do eu individual, das instituições sociais, família e escola, da cultura do grupo, fortalecendo o Habitus do indivíduo e comunidade.

Ainda temos sob o olhar da obra de Foucault (2003), mais especificamente quando discorre sobre a Resistência, como o docente e a escola caracterizam-se desta forma. Sendo responsáveis pela estruturação e organização daquilo que se diz, a partir de um conjunto de regras que se apoiam o que é da ordem do verdadeiro, ou seja um regime de



verdades, uma política cheia de dispositivos de controle disciplinar como paradigma a ser seguido, subentendido no trecho da resposta, da entrevistada: “é necessário que a equipe escolar esteja envolvida e que todos tenham os mesmos objetivos”.

Segue-se com as respostas obtidas com os entrevistados 3 e 4 respectivamente:

Resposta do entrevistado 3: (Professora da rede municipal de Dois Córregos-SP)

Penso que para que a escola seja um ambiente de aprendizagem agradável e respeitoso é necessário que haja diálogo entre todos que estão inseridos no contexto escolar, respeitando as diferenças, necessidades e individualidades de cada educando, bem como a comunidade na qual estão inseridos, estimulando o desenvolvimento das habilidades individuais e do pensamento crítico.

Resposta do entrevistado 4: (Professora da rede municipal de Sumaré -SP)

A escola está inserida dentro de uma comunidade e para que haja uma interação positiva entre ambas se faz necessário algumas ações, tais como:

- acolher a comunidade de modo a estabelecer uma parceria em que se possa construir possibilidades de resolução de problemas existentes;*
- Convidar a família do aluno para participar ativamente de seu cotidiano escolar através de atividades que proporcionem esta interação;*
- eleger alguns alunos para que participem de um grêmio escolar com o intuito de potencializar a voz do educando;*
- Contribuir ativamente com o projeto político pedagógico, fazendo com que ele seja feito e compartilhado com toda a comunidade escolar, transformando - se em um instrumento de transformação e reflexão constante.*

Nas respostas das entrevistadas 3 e 4, reflete-se uma síntese do contexto de relação proposto por Charlot (2000), ambas docentes estabelecem de forma pontual aspectos na construção do triplo processo por ele defendido - a “hominização, singularização e socialização” (2000, p. 53) como ferramentas que permitam o aprender a partir da consciência e sentido de pertencimento do aluno enquanto membro de uma comunidade, com percepção dos valores e do desejo de partilha do mundo ao seu redor.

Tem forte apelo da ideia Campo e Habitus de Bourdieu (1989) quando discorre sobre as contribuições ativas do projeto político pedagógico democrático, o qual caracteriza o Campo, e sendo o Habitus observado o ambiente da escola, um subcampo que oferece oportunidades para as inter-relações pessoais inclusivas com a comunidade, interiorizando as estruturas sociais e todo seu conjunto de comportamentos naturalizados. Promove ainda o empoderamento individual e coletivo dos discentes, permitindo-lhes apropriarem-se de saberes e de como fazer o questionamento das coisas, tendo o controle da indisciplina, porém com sentido implícito, propondo mobilizar e oferecer a formatação de agremiação escolar, em uma clara acepção para construção de uma Resistência, definindo esta relação de poder, e como defende Foucault (2003), a subjetivação como processo de articulação com o poder e o sujeito e a potencialização de seu senso crítico.

Com outra docente entrevistada obtive as seguintes considerações:



Resposta do entrevistado 5: (Professora de escola particular de Piratininga - SP)

Acho que para isso deve-se integrar escola e comunidade, que a equipe pedagógica esteja sempre alinhada, falando a mesma língua digamos assim, acredito que a instituição, em todos os âmbitos deve estar ou ser sempre motivada de alguma forma, pois muitas vezes a prática em si é bastante difícil, o diálogo é fundamental e auxilia muito na resolução dos problemas emergentes. A parceria no ambiente escolar é muito importante. E respeito mútuo também.

A resposta da entrevistada 5 está articulada sob a nítida influência de instituição da Nova Gestão Pública, discorrendo sobre uma pretensa democratização das relações com a escola, de forma a citar com ênfase que a equipe pedagógica atue em consonância institucional. Afirma a condição de transversalidade desta conduta em todo processo de estruturação educacional e indica na motivação a ideia de “reconhecimento” da eficiência e eficácia destes processos. Admite fragilidades, porém recorre as regras de controle enaltecendo um “diálogo” com foco explícito em metas que se traduzem pelas soluções dos “Problemas”. Destaca a importância do comprometimento de equipe e um respeito quase que hierarquizado. Nestas nuances observa-se o exercício de poder, em que Foucault (2003) aborda em sua perspectiva de reflexão sobre a disciplina, de como a escola funciona como um pequeno tribunal, com leis e infrações próprias para organizar as diferenças entre os indivíduos.

A próxima resposta foi obtida com um gestor ambiental. Segue suas considerações:

Resposta do entrevistado 6: (Gestor ambiental- Campinas/SP)

As Ações no ambiente escolar devem preconizar o conceito de escola sustentável, basicamente é um projeto que leva os fundamentos da educação sustentável para todas as esferas da organização, desde a didática até às suas instalações.

A ideia é promover o princípio de que o ser humano deve obter no presente o que necessita do meio ambiente sem comprometer a estrutura para que as futuras gerações possam fazer o mesmo.

Ensinar esta lógica, de respeitar o meio ambiente e propagar esta mensagem para futuras gerações torna-se mais fácil quando é possível vivenciar todo este discurso na prática. Ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente diverso. Agir no sentido de desenvolver a infraestrutura com a concepção de uma obra sustentável para um ambiente educacional.

As ações podem ir desde um prédio que reaproveita água da chuva, do ar-condicionado, torneiras e chuveiros para a limpeza, manutenção do jardim e reuso. Possui um sistema de breezes que permitem a circulação do ar e iluminação natural.

Além disso, conta também com iluminação de LED e gera energia elétrica por meio de painéis solares, instalados pela empresa ATP Solar.



Também ações onde todos estejam envolvidos com as práticas ambientais dentro da escola, desde direção, alunos e professores. Passeios ciclísticos, alternativas para melhorar a mobilidade, plantação de mudas e horta orgânica também fazem parte da agenda do colégio. Estas são ações factíveis e que podem contar com apoio em projetos em convênio com as empresas do bairro ou cidade, ou com a mobilização da escola junto à Comunidade também.

Na análise da resposta deste entrevistado, pude constatar que o fato dele ser atualmente gestor ambiental, sua resposta direcionou para além da forma do ensinar. Ele teve um olhar característico da Nova Gestão Pública (NGP) para resolução dos problemas estruturais da escola, de forma sustentável, atenta a preservação do meio ambiente, mas também, com foco na educação ambiental e considerou a amplitude do significado da palavra “sustentável”, como uma proposta de difusão do saber e motivação do aprender. Neste trecho inicial de sua resposta é constatado isso: “as ações no ambiente escolar devem preconizar o conceito de escola sustentável, basicamente é um projeto que leva os fundamentos da educação sustentável para todas as esferas da organização, desde a didática até às suas instalações.” Outro fragmento que exemplifica é: “a ideia é promover o princípio de que o ser humano deve obter no presente o que necessita do meio ambiente sem comprometer a estrutura para que as futuras gerações possam fazer o mesmo”.

Observa-se um olhar que visa despertar consciência em todos os envolvidos educacionalmente, ajudando-os a entender melhor o espaço em que vivem e tornando cada pessoa um ator responsável, por resolver os desafios e conflitos escolares, com respeito as estruturas físicas da escola, lugar onde ocorre o ensino, o desejo em aprender, a aprendizagem, lugar onde ocorre todas as relações do saber, contribuindo para a criação de um mundo mais sustentável.

Segundo Charlot (2000) o saber, não é algo pronto, antes é uma relação que ocorre com o mundo exterior e com o mundo interior do sujeito, de forma simultânea, através dos sentidos, das experiências de vida e da interação com o outro, percebe-se a ideia no fragmento da resposta do entrevistado quando ele cita “a ideia é promover o princípio de que o ser humano deve obter no presente o que necessita do meio ambiente sem comprometer a estrutura para que as futuras gerações possam fazer o mesmo”, observando que trata-se do conceito de sustentabilidade, mundialmente reconhecido, por justamente introduzir a consciência da corresponsabilidade e comprometimento com o outro, considerando o triplo processo implícito na construção do sujeito, ou seja sua “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização, (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela).

Embasado neste trecho da resposta, “ensinar esta lógica, de respeitar o meio ambiente e propagar esta mensagem para futuras gerações torna-se mais fácil quando é possível vivenciar todo este discurso na prática Ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente diverso. Agir no sentido de desenvolver a infraestrutura com a concepção de uma obra sustentável para um ambiente educacional”,



destaca-se o entendimento de Bourdieu (1989) quando este especifica o que determina a existência de um campo e demarca os seus limites são os interesses específicos, os investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um Habitus e as instituições nele inseridas. Nota-se a correlação entre o pensamento de Bourdieu (1989) definindo campo, como o meio ambiente e os limites, as inter-relações sociais e pessoais de cada indivíduo.

Quando o entrevistado diz: “também ações onde todos estejam envolvidos com as práticas ambientais dentro da escola, desde direção, alunos e professores. Passeios ciclísticos, alternativas para melhorar a mobilidade, plantação de mudas e horta orgânica também fazem parte da agenda do colégio. Estas são ações factíveis e que podem contar com apoio tem projetos em convênio com as empresas do bairro ou cidade, ou com a mobilização da escola junto à Comunidade também”, pode-se entender como está implícita, também, na reflexão de Portocarrero (2004) sobre Foucault (2003) em Vigiar e punir e em A vontade de saber, Foucault aponta não só o modo peculiar de funcionamento das normas modernas, impondo uma rede uniforme de normalidade, como também o malestar que esta causa. Nestas obras ele analisa técnicas como as práticas, os saberes e discursos e a condução dos indivíduos por meio de normas da sociedade sendo a normalização apresentada como algo importante na socialização dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este artigo buscou elucidar a relação com o saber e ações para uma aprendizagem efetiva, diante de uma reflexão sobre a visão da sociedade atual, considerando a globalização, as ideias democráticas neoliberais, a Nova Gestão Pública e os movimentos econômicos que tomaram força na década de 1990, que afetaram todos os setores da sociedade originando formas de administrar os setores públicos, com destaque à gestão escolar.

O problema apontado trouxe questionamento sobre as ações no cotidiano escolar, que poderiam favorecer a aprendizagem, por meio da análise discursiva dos fragmentos de dados coletados de uma ex-gestor escolar do Ensino Fundamental, entre docentes atuantes no Ensino Fundamental do Estado de São Paulo, da rede pública e privada, da rede pública e um gestor ambiental, do setor privado.

Percebe-se a partir da análise desses dados e dos estudos feitos na leitura do livro de Charlot (2000) que a relação com o saber permite que todos os integrantes da instituição escolar possam identificar os conflitos escolares e superá-los, sendo possível trabalhar as informações percebidas e relacionar-se com elas, com o outro e com o mundo, socialmente, um meio para compreender o mundo que cerca o sujeito. Imprescindível a atenção dos docentes e gestores membros do grupo e ao mesmo tempo de forma individualizada, em ter a consciência da singularidade do ser humano, seus saberes, além dos avanços e dificuldades no cotidiano de cada escola, considerando o capital social e intelectual de cada sujeito, promovendo estratégias de forma coletiva e promovendo ações



para que todos os envolvidos no processo educacional participem da concretização dos objetivos dessas estratégias, permitindo trocas de experiências, através da socialização e de um currículo que não seja excludente, um desafio que demonstra a diferença do que se faz necessário para que a aprendizagem seja efetiva.

Refletindo também sobre questionamentos de ações do dia-a-dia docente, associado aos conceitos de Campo e Habitus de Bourdieu (1989), existentes nas instituições escolares, constata-se que a reprodução das relações sociais seria um fator negativo, para que ocorra um ambiente favorável e uma aprendizagem efetiva, visto que este acredita que a escola cumpre uma tarefa de legitimação e reprodução da cultura dominante, sendo por meio dela a ocorrência da reprodução dos interesses da classe dominante economicamente, que se beneficiam de uma exclusividade do conhecimento, enquanto aqueles indivíduos que não possuem este poder de capital cultural, ficam a margem do conhecimento. Diante disso, conclui-se para este questionamento que a prática pedagógica necessita estar constantemente em estudo, sendo reconstruída, não permitindo currículos excludentes, pois são estes que servem de apoio para que a reprodução social continue acontecendo.

Considerando a perspectiva dos estudos de Foucault (2003), de que é a escola uma instituição que molda as condutas e disciplina comportamentos, caracterizada no contexto de autocontrole, porém com um objetivo da produção do corpo dócil, em uma clara pretensão de estruturação do *establishment*, do processo de produção da norma, para a institucionalização do sujeito na escola, através de uma disciplinarização do sujeito e das relações do poder na educação, temos diante da sociedade a consciência de que todos somos condicionados a desenvolver uma conduta de consciência para o enquadramento social. Mas conscientes de que o saber é o único instrumento capaz de devolver a unicidade personificada de cada indivíduo que oportunamente é o aprender e se empoderar do conhecimento e da perspectiva de tornar-se completo, pleno e onisciente de seu potencial e papel na sociedade.

Portanto, cabe a escola, ao docente e aos órgãos responsáveis pela política pública da educação vigente, conduzirem uma proposta pedagógica educacional comprometida com o propósito de romper com a tendência de reprodução social, muitas vezes conduzidas pelo Estado, como pela escola e docentes de tão somente produzir docilização de corpos e mentes. Ser verdadeiramente democrática na formação de cidadãos, para que possam ser capazes de assumir uma posição como futuros agentes transformadores da razão, da consciência e da vontade do aprender e do saber, transformando a relação com o saber e as ações de docentes e gestores para uma aprendizagem efetiva. Certamente desenvolvendo um modelo de adequação educacional como desafio para conduzir a uma aprendizagem que faça sentido na vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto n.º 5.233 de 6 de outubro de 2004** - Estabelece normas para a gestão do Plano Plurianual 2004-2007 e de seus Programas e dá outras providências. Brasília, 2004



BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Coleção Memória e Sociedade. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo, Papirus, 1996.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos **Reflexões sobre a reforma gerencial brasileira de 1995**. Revista do Serviço Público, v. 50, n. 4, 1999, p. 5-30.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber. Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. O nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Alexandre William Barbosa; CLEMENTINO, Ana Maria. **A Nova Gestão Pública no contexto escolar e os dilemas dos(as) diretores(as)**. RBPAE, v. 33, n. 3, set./dez. 2017.

PORTOCARRERO, Vera. **Instituição Escolar e Normalização em Foucault e Canguilhem**. Educação & Realidade. v. 29, n. 1, 2004.

PORTOCARRERO, Vera. **Instituição Escolar e Normalização em Foucault e Canguilhem**. Educação & Realidade. v. 29, n. 1, 2004.